

Criação de empregos em abril frustra expectativas e atinge o pior nível desde 2020

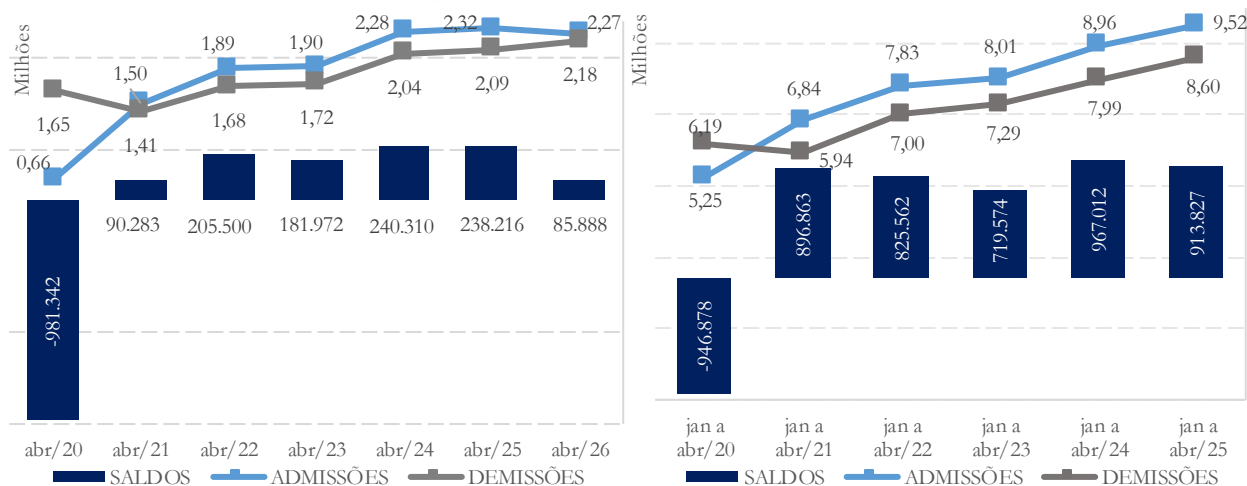
Janaína Feijó¹ e Helena Zahar²

Em abr/26, o saldo formal caiu para 85.888 vagas, queda de 63,9% ante abr/25 e 64,3% ante abr/24. É o pior desempenho para o mês desde 2020. Todos setores recuaram em relação a 2025.

Nesta edição, analisa-se o desempenho do mercado de trabalho formal no Brasil com base nos dados do Novo CAGED referentes ao mês de abril de 2026. O mês registrou a criação líquida de 85.888 postos de trabalho, resultado de 2.268.655 admissões e 2.182.767 desligamentos. Esse desempenho ficou expressivamente abaixo das expectativas do mercado, cuja mediana projetava 215 mil vagas segundo o Valor Data, estando muito aquém inclusive do chão das estimativas, que apontava para 167 mil vagas. O saldo é 63,9% inferior ao registrado em abril de 2025 (238.216 vagas) e 64,3% menor que o de abril de 2024 (240.310). Trata-se do pior valor para o mês de abril desde 2020, período severamente impactado pelo choque inicial da pandemia de Covid-19, quando o saldo foi de -981.342 vagas.

No acumulado dos primeiros quatro meses de 2026, o saldo totalizou 699.762 postos formais, provenientes de 9.477.709 admissões e 8.777.947 desligamentos. O resultado representa um recuo de 23,4% em relação ao acumulado de janeiro a abril de 2025 (913.827 vagas) e de 27,6% frente ao mesmo período de 2024 (967.012 vagas). Novamente, este é o pior volume acumulado para o quadrimestre desde 2020, ficando abaixo inclusive do acumulado no início de 2023 (719.574 vagas), que já havia sido um ano caracterizado por um mercado de trabalho fraco.

Gráfico 1 - Admissões, demissões e saldos. Saldo mensal –2020 a 2026 – Brasil.



Fonte: Elaboração das autoras com base nos microdados do Novo CAGED. Dados com ajustes declarados até abril de 2026.

Sob a perspectiva setorial, conforme detalhado na Tabela 1, todos os setores apresentaram queda frente ao ano anterior. O setor de serviços manteve a liderança na geração de empregos formais em abril de 2026, porém apresentou uma queda expressiva no saldo, passando de 124.929 vagas em abril de 2025 para 69.601, o que representa uma retração de 44,3%. O comércio e a agropecuária, que haviam registrado saldos positivos no ano

¹ Doutora em Economia e pesquisadora FGV IBRE.

² Doutoranda em Economia e bolsista pesquisadora do FGV IBRE.

anterior, apresentaram forte reversão e encerraram o mês no campo negativo, com a perda de 8.114 e 8.378 postos de trabalho, o que configura quedas de 117,9% e 321,6%, respectivamente. A indústria e a construção civil também registraram retrações na comparação interanual, com o saldo industrial caindo 71,8% (para 9.256 vagas) e o da construção recuando 24,9% (para 23.525 vagas).

No acumulado do primeiro quadrimestre, o setor de serviços continuou respondendo pela maior fatia das vagas criadas, totalizando 451.996 postos, mas ainda assim marcou uma queda de 9,2% frente ao mesmo período de 2025. O comércio apresentou a maior retração proporcional acumulada (-170,6%), somando um saldo negativo de 26.614 vagas de janeiro a abril, enquanto a indústria e a agropecuária viram seus saldos encolherem 34,4% e 88,0%, respectivamente. O único setor a apresentar crescimento foi a construção civil, que contrariou a tendência geral e registrou uma alta de 8,1% no acumulado, gerando 143.547 novos postos. Este é o maior valor para o primeiro quadrimestre desde o início da série do Novo CAGED em 2020. Em suma, nota-se uma desaceleração generalizada nas contratações, impulsionada pelas perdas no comércio e na agropecuária, e atenuada apenas pela resiliência da construção civil.

Tabela 1 - Saldo de abril – por setor de atividade. Brasil.

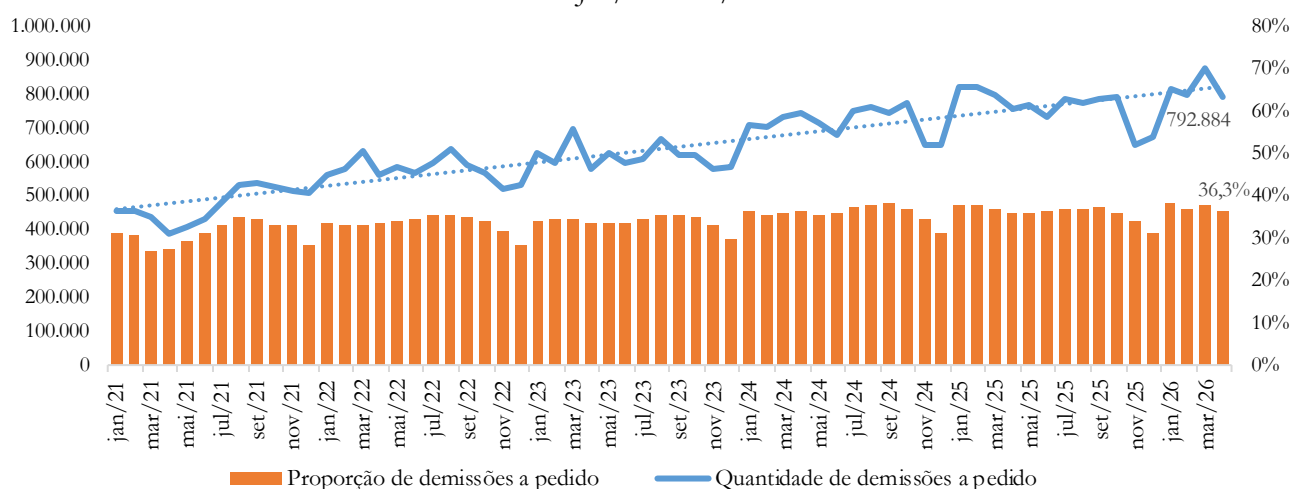
Período	Total	Agropecuária	Indústria	Construção	Comércio	Serviços
Mensal						
abr/21	90.283	10.270	15.072	22.317	2.534	40.077
abr/22	205.500	-123	26.334	25.471	30.899	122.918
abr/23	181.972	1.240	19.158	27.099	28.981	105.495
abr/24	240.310	6.788	36.198	31.193	29.066	137.077
abr/25	238.216	3.781	32.767	31.311	45.442	124.929
abr/26	85.888	-8.378	9.256	23.525	-8.114	69.601
Variação abs 25-26	-152.328	-12.159	-23.511	-7.786	-53.556	-55.328
Variação % 25-26	-63,9%	-321,6%	-71,8%	-24,9%	-117,9%	-44,3%
Acumulado						
jan a abr/21	896.863	74.974	236.834	136.691	87.358	360.993
jan a abr/22	825.562	24.555	128.594	121.306	-28.420	579.527
jan a abr/23	719.574	40.670	115.414	121.203	-1.198	443.479
jan a abr/24	967.012	27.057	192.396	141.306	48.085	558.173
jan a abr/25	913.827	56.373	189.112	132.781	37.721	497.863
jan a abr/26	699.762	6.760	124.085	143.547	-26.614	451.996
Variação abs 25-26	-214.065	-49.613	-65.027	10.766	-64.335	-45.867
Variação % 25-26	-23,4%	-88,0%	-34,4%	8,1%	-170,6%	-9,2%

Fonte: Elaboração das autoras com os microdados do Novo CAGED. Dados com ajustes até abril/2026. O total inclui os não identificados.

Um termômetro importante da percepção dos trabalhadores sobre o mercado de trabalho são as demissões a pedido. Em geral, esse indicador é interpretado como uma *proxy* do grau de aquecimento do mercado, pois tende a refletir uma maior confiança na possibilidade de transição para ocupações mais atrativas. O Gráfico 2 apresenta a evolução mensal dessas saídas voluntárias entre janeiro de 2021 e abril de 2026, bem como a sua participação no total de desligamentos.

Após atingir o recorde da série histórica em março, com 875.796 registros, o mês de abril contabilizou 792.884 demissões a pedido. Embora represente um recuo frente ao mês anterior, o volume configura um recorde para meses de abril e supera em 5,3% o patamar observado em abril de 2025 (753.095). Na mesma base de comparação, a proporção dessas demissões em relação ao total de desligamentos apresentou leve avanço, passando de 36,1% para 36,3%. No acumulado do primeiro quadrimestre de 2026, o país contabilizou 3.276.495 demissões a pedido, um valor 2,6% superior ao registrado no mesmo período do ano anterior (3.192.160). Esse avanço marginal na comparação anual indica uma estabilização da mobilidade voluntária dos trabalhadores, sugerindo a acomodação do indicador em patamares historicamente elevados em vez da formação de um novo ciclo de alta expressiva.

Gráfico 2 – Evolução das demissões a pedido e participação das demissões a pedido no total de demissões. Jan/21 a abr/26 - Brasil.

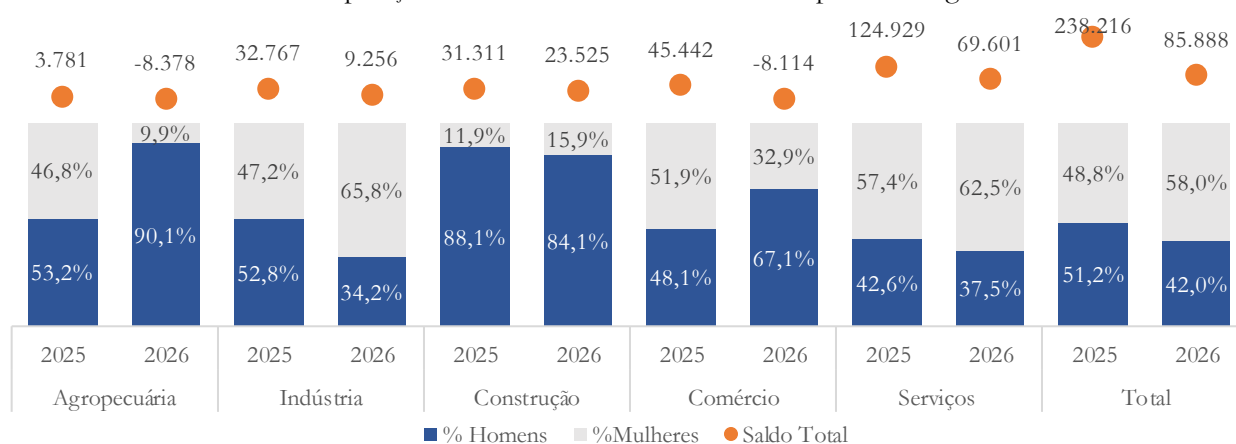


Fonte: Elaboração das autoras com os microdados do Novo CAGED. Dados com ajustes até abril/2026.

A participação feminina no saldo nacional aumentou de 48,8% para 58,0% entre os meses de abril de 2025 e 2026, conforme mostra o Gráfico 3. Esse avanço foi puxado principalmente pelo setor de Serviços, em que a parcela das mulheres subiu de 57,4% para 62,5%, e pela Indústria, onde houve reversão do perfil do saldo: de maioria masculina em 2025 (52,8%) para maioria feminina em 2026 (65,8%). A Construção civil também acompanhou esse movimento, com a parcela de mulheres no saldo de empregos avançando de 11,9% para 15,9%.

Por outro lado, o cenário foi bem diferente nos setores que encerraram o mês no campo negativo, onde a destruição de vagas afetou majoritariamente a população masculina. No Comércio, os homens concentraram 67,1% das perdas de postos de trabalho, uma mudança acentuada frente ao ano anterior, quando eles compunham 48,1% do saldo então positivo. Na Agropecuária, a assimetria nas demissões líquidas foi ainda mais drástica, com os trabalhadores homens respondendo por 90,1% do saldo negativo do setor. Em síntese, enquanto Serviços e Indústria impulsionaram a geração de vagas para as mulheres em abril de 2026, os setores de Comércio e Agropecuária penalizaram os homens de forma muito mais severa no volume de fechamento de postos formais.

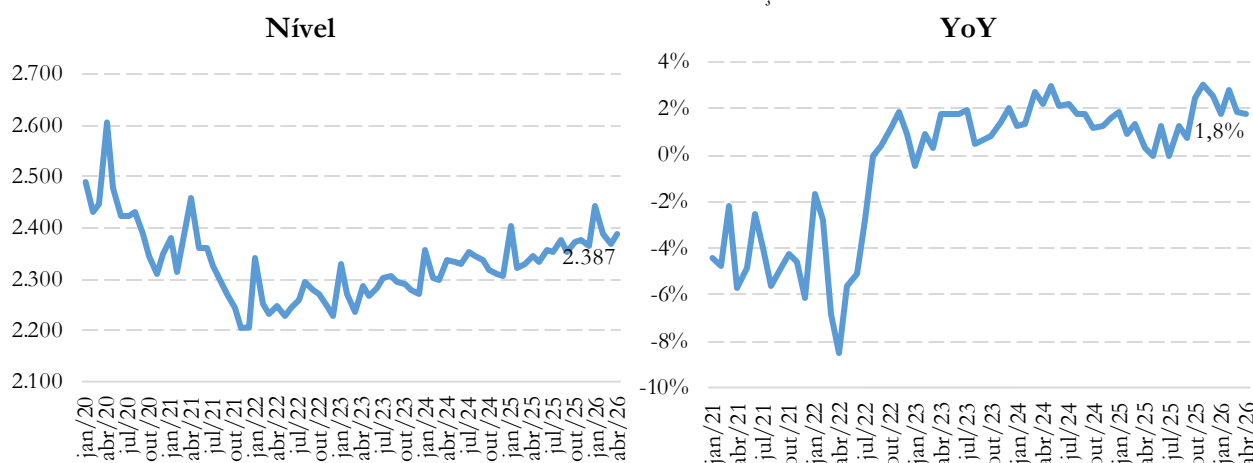
Gráfico 3 – Composição do saldo de abril em 2025 e 2026 por setor e gênero – Brasil.



Fonte: Elaboração das autoras com os microdados do Novo CAGED. Dados com ajustes até abril/2026. O total inclui os não identificados.

O Gráfico 4 ilustra a evolução da remuneração média de entrada no mercado de trabalho formal. O painel esquerdo apresenta o salário médio real de admissão, enquanto o direito exibe sua variação interanual. Após as profundas retrações registradas até o primeiro semestre de 2022, o cenário atual aponta para uma recuperação consolidada. Desde o início de 2023, as variações anuais tornaram-se positivas, estabelecendo um ciclo contínuo de ganhos. Em abril de 2026, o salário real médio alcançou 2.387 reais, o que representa um avanço de 1,8% frente ao mesmo mês do ano anterior. Esse resultado indica que, a despeito da recente desaceleração na geração de vagas, o rendimento dos trabalhadores admitidos segue sustentando um crescimento real positivo.

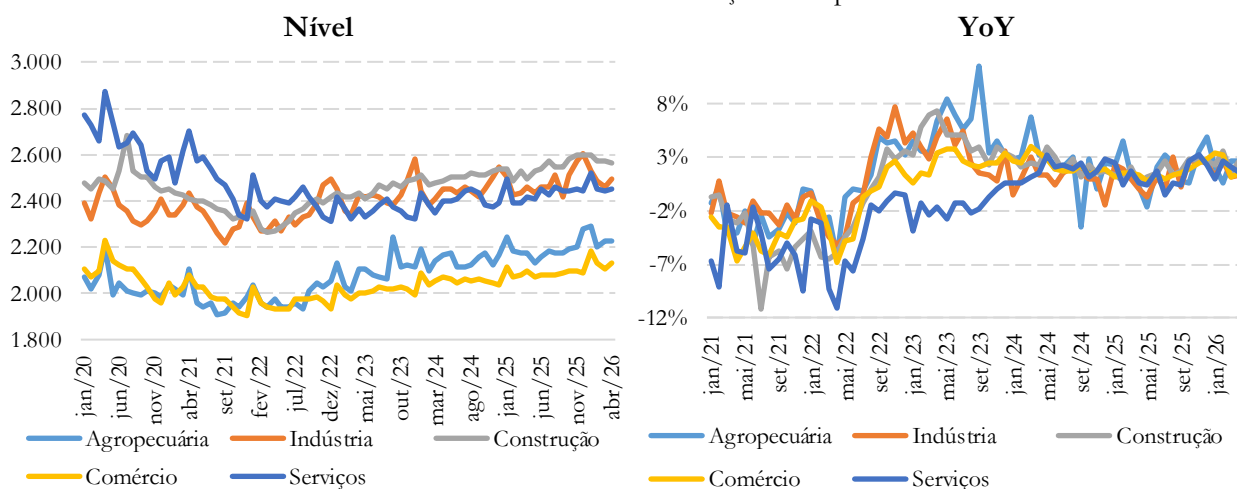
Gráfico 4 – Salários médios reais dos admitidos e variação YoY – 2020 a 2026 – Brasil.



Fonte: Elaboração das autoras com os microdados do Novo CAGED. Dados sem ajustes e sujeito a atualizações nos próximos meses. Salários em reais de abril de 2026. Não incluem valores menores que 0,3 salários-mínimos e maiores que 150 salários-mínimos, assim como vínculos da modalidade intermitente.

O Gráfico 5 desdobra a evolução da remuneração real média de admissão e sua variação interanual para os cinco grandes setores da economia. Acompanhando o índice agregado, todos os grupamentos superaram as perdas severas registradas até o primeiro semestre de 2022 e consolidaram uma trajetória de recuperação.

Gráfico 5 – Salários médios reais dos admitidos e variação YoY por setor – 2020 a 2026 – Brasil.



Fonte: Elaboração das autoras com os microdados do Novo CAGED. Dados sem ajustes e sujeito a atualizações nos próximos meses. Salários em reais de abril de 2026. Não incluem valores menores que 0,3 salários-mínimos e maiores que 150 salários-mínimos, assim como vínculos da modalidade intermitente.

O painel direito ilustra o movimento de recuperação nas variações anuais, que se mantiveram no campo positivo em abril de 2026, com ganhos salariais reais disseminados entre os setores. A Construção civil ganhou destaque ao registrar a maior remuneração média de entrada e a maior taxa de crescimento, atingindo 2.567 reais (alta de 2,8%). Em seguida figuram a Indústria e o setor de Serviços, com rendimentos médios iniciais de 2.491 reais (avanço de 1,4%) e 2.452 reais (avanço de 1,5%), respectivamente. Na ponta inferior, o Comércio apresentou o menor salário médio de admissão, fixado em 2.130 reais (aumento de 1,6%). A Agropecuária anotou a segunda maior taxa de expansão real do período, com alta de 2,7%, alcançando 2.229 reais.

Em abril de 2026, o mercado de trabalho formal brasileiro registrou uma forte desaceleração, com a criação de 85.888 vagas, resultado abaixo das expectativas e o mais fraco para o mês desde 2020. O acumulado do primeiro quadrimestre foi de 699,762 vagas, 23,4% abaixo do acumulado no ano anterior (913.827 vagas). O desempenho foi marcado por uma retração generalizada nos saldos setoriais, com o comércio e a agropecuária apresentando perda líquida de postos. Em contraste com a moderação na criação de vagas, a mobilidade voluntária dos trabalhadores permaneceu em patamares elevados, com recordes para meses de abril em demissões a pedido. Adicionalmente, observou-se uma mudança na composição do saldo por gênero, com maior protagonismo feminino, especialmente em serviços e indústria. A remuneração média de admissão seguiu apresentando ganhos reais positivos.

Em síntese, o conjunto dos indicadores reflete um mercado de trabalho formal em trajetória de acomodação, corroborando o arrefecimento da dinâmica de contratações que vem sendo observado desde a segunda metade de 2025.